as despezas até ao desembarque 1:371$617 réis.

A quarta e ultima partida de 9,108 pez de amoreiras, se recebeu em 27 de janeiro de 1777, e importou com todas ds despezas até ao desembarque réis 1:773$083.

Além d'estes sacrificios, feitos para utilidade pública, e em consequencia das ordens regias, a direcção aforou á camara da villa d'Abrantes o campo denominado do Tainho, por preço de 50$000 réis annuaes, para n'elle plantar 10,000 pez de amoreiras, e para esse fim convencionou com Jacome Ratton, em fevereiro de 1775, a compra de 1,000 pez de amoreiras com dois annos de enxertia, sendo este somente o numero que tinha nas suas terras, capazes de plantar, pelo preço de 300 réis cada pé, e se ajustaram com certas condições a comprar-lhe pelo mesmo preço mais 10,000 pez.

Este sacrificio que a direcção fez em utilidade pública, e em cumprimento das ordens regias que para isso teve, não quiz seguir a extincta juncta, que succedeu na administração da R. F. das Sedas e suas annexas, talvez por conhecer que todo aquelle beneficio público estava inutilizado e que d'elle nada resultava, porque logo suspendeu os inspectores nomeados, e declarou de nenhum effeito o contracto com Ratton; e assim tambem subenfiteuticou o ditto campo do Tainho a Manuel Alves Machado.

Parece que presentemente este ramo de plantação das amoreiras, tão dispendioso ao cofre da R. F. não prosperou, pela desistencia que fizeram os obsequiadores com a mudança do ministerio, que n'isso mais não cuidaram, além do mal que causou no interior do reino, o desgosto do monopolio que os da sociedade estabelecida para a criação e para os filatorios praticaram, o que faz objecto d'uma historia separada.

Lisboa 16 de junho
de 1846. *Antonio Pedro de Sales.*

BARRELEIRA PORTATIL E ECONOMICA PARA A LAVAGE DA ROUPA.

643 Acabo de ler a noticia de uma machina da invenção de MM. Charles e Comp., rua Furstemberg 5 e 7, Paris, de que me pareceu dever dar conta. É uma barreleira portatil. Ésta machina é construida de folha e ferro galvanizados, a que a agua da barrela não póde fazer mal nenhum e que não exigem cuidado algum mais particular para a sua conservação.

Nada mais facil do que o modo de usar d'estas barreleiras: deita-se n'uma tina tantos litros d'agua como de kilogrammos pésa a roupa que se quer metter na barrela; dissolve-se n'esta agua 1 kil. de cristaes de soda ou meio-kil. de bom sal de soda por cada 25 litros d'agua; se quizerem empregar a cinza da-se a ésta dissolução a fôrça de 3 graus d'um pésa-barrela. Molha-se n'este liquido a roupa, que é escusado lavar antes com sabão, como se costuma fazer, e depois de a ter torcido ou posto a escorrer, deita-se no apparelho posto sôbre a sua fornalha, que se colloca em qualquer parte que se quer.

Este modo de barrela não deita nenhuma evaporação, porque assim que sahem alguns rolos de fumo em roda da tampa, é signal certo da operação estar acabada, o que acontece em muito pouco tempo. Em quanto que na barrela ordinaria se consommem doze a quinze horas queimando sempre muita lenha, n'esta bastam duas a trez horas, sem necessidade de ter cuidado nenhum, nem mais trabalho do que conservar o lume: accresce ainda, que sahida a roupa da barreleira vem tam limpa que basta so passal-a por agua para ficar prompta.

O artigo d'onde se extrahe ésta noticia conclue com grandes elogios ao apparelho, que diz ser tambem proprio para aquecer banhos, cozer legumes e raizes para o gado etc. etc. O preço d'estes apparelhos é de 30 a 200 francos, segundo o seu tammanho.

NOVO PAPEL.

644 Um tal M. Roque apresentou á academia das sciencias de Paris, em 25 de maio, último, umas amostras de papel de bananeira. A commissão nomeada pela academia para conhecer d'este negocio, dá uma informação muito favoravel a este novo producto. Diz-se que o ministro da guerra quer proteger ésta industria, e que o inventor obteve uma concessão de terreno na Africa para plantação de bananeiras destinadas á fabricação do papel.

A ésta invenção ser realmente vantajosa, parece-me que seria util importal-a no nosso paiz: além das nossas colonias africanas, teriamos a provincia do Algarve para fornecimento da materia-prima.

A COMPANHIA DAS LEZIRIAS PÓDE AUGMENTAR MUITO AS SUAS RIQUEZAS, E AO MESMO TEMPO AS NACIONAES.

(Conclusão.)

645 Convem agora indagar se a creação de gados produzirá manteiga, que eguale em bondade a extrangeira, ou se aproxime. Esta apreciação custa pouco, pois que em todo o Riba-Tejo se faz hoje manteiga excellente, e como a melhor extrangeira; nem póde deixar de se produzir, porque sendo os processos muito faceis, e as pastagens, com que se sustentam as vacas, excellentes, não podem deixar de produzir boa manteiga. Nova duvida ainda suscitam os apreciadores, e é, que a companhia para fazer grandes porções de manteiga, terá de levantar grandes estabelecimentos, que custam sommas consideraveis, sem que, ás vezes, produzam interesses correspondentes. Mas esta duvida não procede em presença do juizo d'uma companhia atilada, que ira calculando o desenvolvimento que lhe convem dar ao seu estabelecimento, que até poderá ser continuado, sem cessar, dando vacas de meias ou por prestações em arrateis de manteiga, tendo o cuidado de mandar, em um dos seus estabelecimentos de vacaria, ensinar os caseiros a fazer a manufactura da manteiga tão perfeitamente como lhe convier. Não será isto menos lucrativo á companhia, que dará grande extensão á fabricação da manteiga, sem fazer despezas em grandes estabelecimentos. A cidade de Rennes e suas vizinhanças na Bretanha é o grande mercado que fornece Paris da maior parte de manteiga que alli se consomme, embarcando-se tambem outra para portos de Inglaterra; e ésta grande quantidade de manteiga é produzida por duas, tres, quatro e cinco vacas de muitos pequenos proprietarios, que levam ao mercado de Rennes pequenas porções de manteiga, e d'estas muitissimas

CONHECIMENTOS UTEIS.

CULTURA D'AMOREIRAS EM PORTUGAL.

642 Abaixo transcrevemos um artigo do Sr. Sales, uma curiosa statistica historica da plantação d'amoreiras no nosso paiz. Como repetidissimas vezes se tem dito n'este jornal, ésta mui interessante cultura e a industria da seda, podem produzir um util ramo de riqueza nacional; e todos os esforços que se fizerem para a introduzir no nosso paiz, hade o paiz vir a agradecel-o quando lhe conhecer as vantagens, que não serão tardias, uma vez que ella chegue verdadeiramente a introduzir-se.

Para conseguir este fim ha differentes alvitres, muitos dos quaes a REVISTA tem lembrado. Hoje mesmo, no artigo que adiante se lerá do Sr. Brandão, se aconselha um novo alvitre para plantação d'amoreiras, assaz facil e muito para seguir.

Deixemos porém fallar hoje o Sr. Sales, e é provavel que vinhamos proximamente a dizer mais alguma coisa a este respeito.

—

Tendo-se publicado na REVISTA UNIVERSAL o que se fez em Portugal quando se pertendeu dar o primeiro desenvolvimento á plantação das amoreiras, e criação dos bichos da seda, julgo a proposito dar noticia do que depois se fez, e que servirá a confirmar, que posto tivesse o governo em differentes epochas dado demonstrações dos desejos e sacrificios que fez para conseguir o desenvolvimento d'este tão importante producto, o não tem podido conseguir até ao presente na conveniente escala, devido unicamente á sua falta de constancia e d'harmonia nas providencias. Se porém não é uma illusão o julgarmos que finalmente chegou a epcha de se olhar attentamante para os interesses nacionaes, e que estes terão a devida preferencia a todas as demais considerações, é de esperar que as providencias que emanarem do governo, concorram a proteger e animar um ramo que por sua importancia tantos recursos póde apresentar ao paiz, que infelizmente tem até ao presente sido considerada como em estado de gaande prosperidade e por isso tractados com despreso os meios de o fazer produzir como tanto carece, e o tempo o confirma.

Os dados que tenho para acreditar na exacção do que passo a transcrever faz com que o offereça á lembrança de V. para lhe dar publicidade se o julgar conveniente.

Entre os ramos da administração encarregada á direcção da 'Real Fabrica das Sedas' foi um d'elles a plantação das amoreiras, e criação dos bichos de seda, sendo muito positivas as recommendações feitas a este respeito, e em cumprimento d'ellas, mandou a direcção vir de Marselha 40,000 pes de amoreiras que se receberam em diversos tempos, os quaes se distribuiram pela Extremadura e mais provincias gratuitamente, e assim tambem a semente das mesmas amoreiras, e dos bichos de seda, além de 5,000 pes que vieram por conta do marquez de Pombal, das quaes elle mandou tomar conta, pagando sua importancia. Para a distribuição das ditas amoreiras, e cuidar na sua vegetação, nomeou a direcção inspectores com ordenados estabelecidos, impondo-lhes a obrigação de vigiarem nos seus districtos o progresso da mesma plantação, empregando-se junctamente na creação dos bichos da seda. Para inspeccionar no districto d'Oeiras, Carcavellos e seu termo, foi nomeado Luiz Pereira, residente em Oeiras, com o ordenado de 90$000 rs. cada anno. Para o districto dos Olivaes, Sacavem, e suas vizinhanças o padre Soares de Alcantara com 60$000 rs. cada anno. Para o districto do Campo Grande, Tilheiras, e Lumiar João Antonio e sua mulher Catharina de Albuquerque, vencendo ambos 60$000 rs. cada anno.

A primeira partida de amoreiras que se recebeu foram 19,996 pés, que se distribuiram pela seguinte fórma:

Em Lisboa e suas vizinhanças	1179
Chellas	1260
De Arroios até a Portella	918
Da Portella a Sacavem	186
No logar de Camarate	222
No dito da Appellação	193
« de Carnide	570
Campo-grande	640
Odivellas	3:083
Na freguezia de Sancto Adrião da Povoa	482
Dita de Loires	1:155
Olivaes	566
Bemfica	2:390
Sobral do Monte-Agraço	508
Collares	200
Cabeça de Montachique	200
Villa de Bellas	102
Via-longa	150
Villa-Franca e Povos	900
Oeiras e Carvalhaes	4:226
Diversos sitios da banda d'além	390
Dictas para diversas pessoas avulsas	471
Total	19:996

Alem de 5:742$616 rs. do custo das ditas amoreiras e de réis 125$935 de despezas feitas com a sua conducção até a entrega, desembolçou a Real Fabrica 630$250 réis na plantação de 331 pés de amoreiras na Praça dos Fabricantes denominada a Praça das Amoreiras.

A segunda partida da 5:678 pez se recebeu em 6 de junho de 1772, importando com todas as suas despezas até ao desembarque n'esta cidade 1:451$745 rs.

A terceira partida de 5,673 pez de amoreiras, se recebeu em 2 de janeiro de 1773, com 26 arrateis de semente das ditas amoreiras, e importou com todas

pequenas porções é que se formam as grandes carregações que se levam aos mercados.

Ainda os apreciadores nos enviarão outra duvida. Dirão que não custará no verão a sustentar muitos animaes, e principalmente vacas, mas que no inverno lhes faltarão as pastagens, porque os campos se allagam, e nos montes não se póde sustentar gado mimoso, e proprio a dar leite para fazer manteiga.

A companhia das lezirias possue terras alagadiças, e outras que o não são: tanto umas como outras podem produzir no verão milhares de carradas de feno, que sendo apanhado convenientemente, seccado sem descuidos, e recolhido em tempo, constituirá o principal e constante sustento dos animaes, tanto no verão como no inverno. Mas ésta duvida desaparece, se considerarem os apreciadores, que a companhia possue uma riqueza inexgotavel de sustento para toda a qualidade de animaes. Ja entre nós é sabido que as vacas, bois, carneiros, e mais animaes comem toda a qualidade de plantas tuberozas, e com mais avidez as cenouras, betarrabas, e nabos. A companhia póde crear immensas d'estas raizes no verão em terras alagadiças para servirem de sustento aos animaes no fim do verão, outono e inverno, até que se colham nos campos não alagadiços as sementeiras d'estas e outras plantas tuberosas, que em nosso paiz se dão no inverno, principalmente os nabos.

É ésta uma vantagem que temos sôbre a gente do norte, que não pode crear em seus campos as pastagens na estação do inverno.

Em auxílio de nossa opinião iremos buscar a d'um pratico e judicioso agricultor do concelho da Ribaldeira, que não se quiz assignar no artigo que mandou á Revista n.º 31 de 22 do mez de janeiro passado, mas que conjecturâmos ser o Sr. Assis, e se não fôr lhe pedimos perdão, que nos deve conceder pelo bom conceito e juizo que fizemos da sua intelligencia e capacidade no artigo 3,428 da Revista de 26 de novembro de 1844. Diz este illustre agricultor, que supponho ser o Sr. Assis, de quem ja recebi o favor de me mostrar em o verão de 1843 as suas beterrabas, que éstas raizes são faceis de crear, e produzir abundantemente e nutrictivo sustento para o gado, e principalmente para as vacas. Demonstra que o valor d'esta preciosa raiz é maior do que o das outras plantas tuberosas para servir para o sustento dos homens e animaes, e para fazer o assucar: tem de mais a qualidade de ser propria a sua producção da primavera por diante que é o em que se fazem a maior parte das sementeiras das margens baixas do Tejo. É necessario ler e meditar bem o artigo a que me refiro para dar consideração a uma producção nova de nossa agricultura, e pouco conhecida, que poderá desenvolver em ponto grande a manufactura de assucar e a immensa creação de gados principalmente, que é a fonte perene e constante de muitas, ricas e interessantes industrias. E parece-nos que a beterraba depois de semeada não soffrerá com as inundações como soffrem os cereaes, que não nascem, e deve fazer-se d'elles nova sementeira. Julgo que ainda ninguem experimentou se as beterrabas semeadas em terras, que se inundam, nascem e prosperam depois da innundação; mas parece-me que sim, porque sendo ésta e outras plantas tuberosas acostumadas a ficar na terra até em mezes de chuvas e invernos rigorosos, devem resistir muito mais facilmente ás cheias do Tejo na primavera, que apenas são de quatro, cinco, dez ou onze dias.

Ainda outra duvida se seguirá, que é dizer-se, que não podêmos no nosso clima conservar as plantas tuberozas sem grelar, ou fermentar, quando se amontoarem grandes porções. Este preconceito é errado, e devido á falta de conhecimentos proprios. As plantas tuberozas que se guardam, servirão somento para o sustento no outono e principio do inverno, em cujo tempo ainda que sejam menos bem acondecionadas, quando levem misturada alguma terra, que lhes conserve a frescura, como se faz em outros paizes, não podem alterar-se n'estes tempos. Mas ainda que a duvida fosse fundada, convem lembrar, que em paizes que possuem elevações, e montanhas como o das lezirias, é commodo fazer concavos e subterraneos espaçosos, bem betumados e reparados, que encerrem as plantas tuberosas, sem que lhes penetre o calor e humidade; e pensâmos que nem isto será necessario, bastando ter uma casa ou barracão com paredes largas, tendo so as portas e janellas para a parte do norte, para nunca lhe entrar o sol, e receber sempre do norte as ventilações e frescura. A sciencia de conservar por muito tempo os legumes, cereaes e outros productos, está entre nós muito atrazada, mas com o tempo intendemos se hade melhorar este ramo dos nossos conhecimentos, bastando por ora o que expendemos para desvanecer a duvida, e accrescentaremos que succedendo entre nós tão rapidamente umas producções de pastagens ás outras, e até as verdes, que se produzem no inverno, não será necessario fazer tão grandes depositos, como nos paizes do Norte. N'estes paizes até conservam as plantas tuberozas em covas fundas, cobrindo bem com palha as raizes pela parte de cima, e lançando-lhe terra, que se calca, deixando o logar da cova em fórma abaulada, para as aguas escoarem, e não penetrar nas raizes. Nos montes elevados, que ha juncto das ribeiras do Tejo com mais facilidade se poderão conservar na terra toda a qualidade de raizes, sem necessidade de algum telhado, ou cobertura, visto que os terrenos ladeirentos escoam as aguas com mais rapidez que os do norte que são pela maior parte planos.

Ainda uma outra indicação se deve fazer á companhia das lezirias e á gente do Ribatejo, que é a plantação das arvores mais proficuas e productivas, as amoreiras; sim, mais proficuas e productivas, porque não vemos nenhumas outras que com menos despeza produzam tanto. É necessario por toda a parte formar viveiros d'amoreiras, e encher d'ellas todas as margens das vallas, e regueiras das lezirias, e de todas as propriedades d'ambas as margens do Tejo.

De que valem tantos choupos, salgueiros e outras arvores improductivas que circundam a valla d'Azambuja e outras propriedades? Se as vallas e regueiras estivessem plantadas de amoreiras, cujas folhas são boas pastagens para os gados, como o declara o Sr. Assis no seu artigo 3,622 de 21 de novembro de 1844, e tambem de carrapateiros, em poucos annos mudaria a face do Ribatejo.

Nem esqueça a creação de cavallos e muares, que póde ser n'aquelle ponto de certos lucros e ganhos constantes, pois que terá optimos fenos, boas palhas,

plantas tuberosas em todas as estações, e hervagens. Ésta variedade de comidas fará em grande parte a fortuna da companhia que emprehender a creação d'este gado. Habilitado por ésta forma o Ribatejo a produzir todos os productos d'agricultura, os gados com suas uteis e lucrativas producções, a seda, producção sempre valiosa, e finalmente os oleos da oliveira e carrapateiro, parece-nos que se ésta variedade de culturas se estabelecer, sem espirito de agiotagem, que mata em nossa terra as melhores, e mais bem calculadas emprezas, teremos de ver em nosso paiz garantida a prosperidade e salvação do reino de que faltam as esperanças, e d'um paiz arido e insalubre na estação calmosa se tornará um dos melhores de Portugal. Os lavradores do Ribatejo, principalmente os rendeiros, não devem enganar-se, nem ser enganados com falsas esperanças: é necessario que elles se convençam pelo que fica exposto, e por outras demonstrações, que se lhe podem fazer, que aquella lavoura precisando d'um grande capital para se costear, soffrendo em muitos annos consideraveis perdas pelas innundações e esterilidades, achando-se constantemente vexada pelo falso systema monetario, e agiotagem assoladora, será sempre pobre e miseravel. Um tal systema de cultura com tantos inconvenientes e desordens sociaes ninguem o póde livrar de se conservar em perpetua miseria.

Parece-nos escusado entrar em outros desenvolvimentos, e apreciação ou comparação de ganhos e gastos, que a companhia das Lezirias fará, determinando a producção de cereaes, ou a de gados, manteiga, seda e outras producções. Ésta demonstração será mais esclarecida, remettendo os leitores para a obra de M. Nebien economista d'agricultura d'Allemanha, de cuja obra se podem ver desinvolvimentos no art. 58, n.° 5 da REVISTA UNIVERSAL de 3 de fevereiro de 1842.

Parece-nos ainda que os agentes e escrupulosos directores da companhia das Lezirias nos vem dizer, que nada podem fazer, porque muitas leis insensatas definham e intorpecem a agricultura e todas as industrias...

A isto responderei com um escriptor francez

Lisbonne est un pais charmant
Une superbe orangerie
Mas on y fit de tout le temps
De vilaine patisserie

De Lisboa nascem todos os males, embaraços, e desordens que soffre a agricultura, a industria, e as artes, mas haja juizo e boa vontade, que a regeneração apparecerá.

C. X. Pereira Brandão.

PARTE LITTERARIA.

INFLUENCIA DO ESPIRITO FRANCEZ NA EUROPA DE DOIS SECULOS PARA CA. (*)

646 « Remontemos um pouco á historia. Que de soberanos desgraçados ou grandes potentados não teem achado em França asylo ou soccorros, ou não teem vindo buscar n'ella uma eschola, ou lhe não teem vindo fazer gloriosas homenagens!

« O imperador Comeno veio de Bysancio prostrar o imperio do Oriente ante o throno de Carlos V, implorando a protecção do rei christianissimo contra os mussulmanos victoriosos;

« O papa Clemente V, que se fez coroar em Lyon com grande desgosto dos italianos, como em resposta a Carlos-Magno que se fizera coroar em Roma, prometteu tambem a Philippe-o-bello fixar a sancta-séde em Avignon, no coração da França, de maneira que a cidade-eterna que ja fôra despojada por Constantino do imperio temporal do mundo, estava tambem a ponto de o ficar sendo do espiritual em honra da França.

« Depois os successos de Clemente V, por setenta e dois annos, ornaram Avignon dos primores d'architectura e pintura, preludiando assim no meio de nós as maravilhas do pontificado de Leão X.

« Ainda depois, Christina de Suecia, em Fontainebleau, Jacques II d'Inglaterra, em Saint-Germain, Stanislau de Polonia, em Nancy, abrigaram as suas cabeças sem coroa á sombra da protecção fraternal de nossos reis!.. O czar Pedro I, o imperador José II, vieram buscar a Versailles e Paris conselhos e exemplos!.. e, se quizessemos fallar dos nossos dias, teriamos que renunciar a menção total, por longa, dos homens celebres ou infelizes a quem a França tem dado defensa e refugio.

« D'este modo a França benevolente e generosa, porque, mais que tudo, era social, tornou-se sympathica ás nações, e n'esta sympathia tem ella succado a maior força da sua influencia, que tem sobrevivido á das suas victorias cuja recordação e effeitos não podem morrer nunca. Nós temos derramado as nossas ideas com o nosso sangue em todos os paizes da Europa, e de todos os cantos da Europa, por effeito de um aballo sympathico, as veem buscar ao nosso territorio. Aqui está porque as côrtes e as cidades extrangeiras nos imitam incessantemente assim nos objectos mais futeis como nas coisas mais sérias, assim nas modas como nos systemas. Alguns espiritos atrabiliarios entre nós, ou invejosos entre os outros, teem rido de piedade algumas vezes por verem a capital de Luiz XIV e de Napoleão occupada... em quê?.. em fazer e mandar toucados para Austria, Inglaterra, Russia... E não veem elles que impondo-lhes nós os chapeus lhes governâmos as cabeças?

Depois da nossa fôrça de sympathia vem a nossa lingua como outro meio de influencia do espirito francez, e este é com effeito de podêr incalculavel. Os idiomas, por uma operação mysteriosa e providencial, formam a sua syntaxe segundo o character dos povos e as necessidades dos tempos e dos logares. O nosso espirito de sociabilidade, que tinha precisão de se communicar promptamente, de uma manifestação clara do pensamento, dotou pois, secretamente, a lingua franceza de clareza e rapidez, pelo sentido exacto das suas palavras e construcção logica das suas phrases: vantagens que se não acham senão em menor grau nas outras linguas. Mas ésta elaboração foi lenta primeiro que chegasse a completo aperfeiçoamento. Começado proximo a Carlos-Magno, este trabalho enorme não foi acabado senão no tempo de Luiz XIII, e, coisa notavel, depois d'este reinado é que a influencia

(*) Concluido de pag. 29.

do espirito francez se fez sentir na Europa; tanto é verdade que uma lingua como a nossa é o mais poderoso instrumento de acção de um povo sôbre as outras nações!

« Nos primeiros seculos da monarchia o latim era a lingua geral do reino, testimunha viva da conquista dos romanos; porque todas as vezes que a victoria permittia ao povo-rei o dominio, impunha tambem o imper o jugo do seu jugo idioma. Pouco a pouco da lingua latina corrompida sahiu um idioma novo que foi characterizado com regras e formulas essencialmente differentes: foi a lingua romana, que se tornou a lingua usual de quasi toda a França e de muitas partes da Hispanha e da Italia. Depois da divisão dos Estados de Carlos-Magno, este idioma continuou a ser, com a denominação de lingua d'*oc*, a lingua das provincias do meio-dia da França actual; ésta lingua foi illustrada pelas poesias dos trovadores e principalmente por Clemencia Isaure; e depois de um pesado somno, acaba de ser, ha poucos annos, gloriosamente rehabilitada pelo poeta Jasmin.

« As provincias do norte alteraram, com diversas modificações, o idioma que fôra commum entre ellas com a denominação de lingua *d'oil*; e éstas modificações produziram o antigo idioma francez, que se tornou finalmente na lingua de Malherb e Bossuet.

« Chegada ao seu grau de perfeição cedo foi e ficou sendo a lingua da diplomacia europea, e a da conversação de todas as côrtes e de todas as pessoas bem educadas. A diplomacia a preferiu pela sua lucidez sem egual, pensando com razão, que ja era bastante a ambiguidade intrinseca dos protocolos sem lhes ajunctar ainda as obscuridades da linguagem; a conversação escolheu-a por causa da sua maravilhosa rapidez e de suas construcções tam logicas que não ha necessidade de alcançar o fim de uma phrase para comprehender o sentido d'ella e cortar a palavra ao interlocutor, o que poupa sempre muito tempo e algumas vezes um grande enfado. Além d'isso os escriptores de genio e as obras-primas se multiplicaram tam depressa e em tam curtos intervallos, em todos os generos, que a lingua franceza foi adoptada como a primeira das linguas litterarias modernas; gloria que ella não perderá tam cedo, porque a nossa litteratura e a nossa poesia actual são ainda, e muito, as mais bellas da Europa.

« Se Pedro-Grande veio estudar mesmo ao meio da França nossas leis, artes e costumes, Catharina II quiz ter na sua côrte a maior parte dos nossos *bellos-espiritos*. E ésta migração é um dos capitulos mais curiosos e mais interessantes da nossa historia litteraria, e uma das manifestações mais estrondosas da influencia do espirito francez n'essa epocha.

« Uma prova mais forte ainda d'esta influencia foi dada ao mesmo tempo pelo grande Frederico, em chamar para si um dos nossos maiores homens de lettras, Voltaire, que, dizia elle, escrevia como um anjo e tinha o espirito de um demonio.

« Frederico fez edificar, expressamente para receber o seu hospede, o bonito palacio chamado 'Sem-cuidados.'

« Havia n'elle so dois quartos de dormir: n'um estava a cama do rei, e a sua bibliotheca toda franza... ainda la se póde ver. No outro na extremidade d'este palacio estava a camara chamada de Voltaire. A sala que separava estes dois quartos servia para se ajunctarem os seus moradores: era a casa-de-jantar, onde se não bebia senão vinho de Champagne e alguns outros dos melhores vinhos de França, á saude da poesia e da philosophia francezas.

« Alli, na presença do poeta francez, recebia Frederico os principes de Allemanha e creava um reino; alli, é que elle dizia *em francez*: 'Se eu fosse rei de França, não se havia disparar uma peça na Europa sem licença minha.'

« Não ha na Europa uma so bibliotheca em que se não achem livros francezes; e ha muitos extrangeiros que tem adquirido a sua glória litteraria so na lingua franceza: o mesmo Frederico Grande, Christina de Suecia, Goldoni, o principe de Ligne etc., e a imperatriz Catharina que não quiz que se imprimissem os seus pensamentos senão em francez. E nos nossos dias, o celebre poeta e grande ministro d'Hispanha, M. Martinez de la Rosa, cuja nobre proscripção foi acolhida pela França, tem pago gloriosamente a nossa hospitalidade illustrando a nossa lingua com admiraveis inspirações, dignas irmans d'aquellas com que honrou a sua lingua materna.

« Ésta universalidade da lingua franceza somente devida á sympathia e á admiração, é uma honra quasi sem exemplo, mas tem-nos tornado preguiçosos no aprender das linguas extranhas o que é pouco decoroso. Um bom número de nossos compatriotas tem-se habituado a crer que não ha outras linguas, e que um francez póde ser intendido nos mais pequenos casebres dos paizes mais remotos. Isto é de uma tal fatuidade de ignorancia que chega a ser burlesco; como, por exemplo, n'esta anecdota. 'No tempo das últimas guerras do imperio, antes da campanha da Russia, um sargento de linha, encarregado de fazer preparar o almoço do coronel que vinha a caminho com o regimento, apresenta-se com uma hora de antecedencia á porta de uma estalagem d'uma terra no norte de Allemanha, e chamando pelo estalajadeiro, incommenda-lhe em voz alta e intelligivel, um frangão assado, uma omeletta au lard, e uma salada de alface. O estalajadeiro não responde nem faz signal nenhum. 'O homem é surdo,' diz o sargento, e começa outra vez a gritar quanto póde e em voz gressa: 'Quero uma salada de alface, um frangão assado, e uma omeletta au lard!' Nada de novo. O sargento julga que o estalajadeiro manga com elle, e desembainhava ja o sabre, quando o pobre diabo lhe faz perceber que o não intendeu. — 'Então n'esta terra são tolos, exclama o sargento; ha quatro annos que eu estou na Allemanha e elles ainda não sabem uma palavra franceza!'

E que diremos se quizermos dar conta de nossas producções litterarias? Ha tal de nossos auctores que são representados trezentas vezes por noite fóra de França; e ha tal de nossos fulhetons que são lidos no extrangeiro, todas as manhans, por 500,000 pessoas em 4,000 logares ao mesmo tempo.

« Cada uma semana, as producções da nossa imprensa se tiram aos centos de volumes e enriquecem e illustram litterariamente um reino inteiro pela contrafacção das obras dos nossos escriptores.

« Cada mez, navios que partem d'Anvers todos carregados d'essas contrafacções as vão descarregar em todas as costas.

« Como é que as ideas francezas não hãode reinar na Europa e mesmo em todo o mundo civilizado?

« E, todavia, quem não estremecerá ha vista de um similhante cataclysmo de papeis escriptos? A imprensa é como a lingua d'Esopo, cuja multiplicação ella representa até ao infinito, a melhor e a peior coisa que ha no mundo. Que litteratura de pacote, sem gôsto, sem juizo, sem moralidade, não hade estar misturada, n'esta colossal exportação, com as mais nobres producções do genio! Oxalá que todos os nossos escriptores se possuissem bem da importancia da sua missão! Um livro mau foi em todos os tempos uma das peiores acções que se podem commetter, porque é veneno que circula. Que será agora que a publicidade se tem tornado tam enorme? O successo da nossa litteratura é de uma terrivel responsabilidade para os nossos homens de lettras... tomem elles sentido em não ter nunca delictos de talento nem manchas de glória!

« Não dêmos porém tammanha importancia ao espirito do mal em litteratura. Ha duzentos annos para ca muitos livros perigosos teem sahido de França para correr na Europa em todos os sentidos, e se elles teem causado algumas desordens passageiras e males individuaes, as sociedades não teem sido corrompidas... Ha nas massas um juizo collectivo que regeita tudo que é immoral ou insensato; a boa imprensa é o antidoto continuo da ma, e por fim não vem a ficar senão o que deve ficar. A boa semente so é que germina e prospera.

« Para prova, olhemos em roda da França a ver os resultados politicos e sociaes havidos desde o meiado do XVII seculo até hoje.

« A Russia posta derepente e milagrosamente no caminho da sociabilidade, primeiro passo que a obrigará a dar os outros;

« Os autos-de-fé completamente exinctos na terra classica da inquisição;

« As perseguições catholicas acalmadas na Italia, e as perseguições protestantes apaziguadas na Allemanha;

« Os israelitas emancipados de um jugo barbaro, na metade dos Estados civilizados;

« O imperio feudal da Allemanha abollido;

« A Turquia posta em sentimentos de justiça e humanidade;

« A Hispanha, Portugal, a Belgica e muitos Estados da Allemanha, organizados ou organizando-se em governos representativos, com principios de tolerancia e egualdade;

« A Inglaterra tendo apagado as desegualdades politicas que, sob pretexto de religião, desfiguravam a sua constituição; e occupando-se hoje, pelas meditações de um ministro de genio, em fazer penetrar em seu solo o principio da egualdade proporcional dos direitos, com o ingodo da liberdade commercial;

« Os dogmas da tolerancia e da egualdade, agitando-se em todas as cabeças da joven Italia...

« E em toda a parte o amor das coisas d'arte e o culto da intelligencia.

« Aqui está o que é... e taes são os effeitos da influencia do espirito francez na Europa de dois seculos para ca.

« A isto deve-se ajunctar ainda que a palavra d'ordem da opinião em todas as coisas sahe da França, e que Paris dá o bom tom e o bom gôsto a todas as capitaes.

« Todos estes resultados estão longe de estar completos; outros progressos ha que estão apenas em germen... mas o pensamento francez está no cerebro da Europa... A gravidez será mais ou menos longa, mais ou menos embaraçada, mas todos os pensamentos produzem acção, rompem; esperemos...

« Os carris-de-ferro apressarão muito o momento do feliz successo. Ouve-se dizer algumas vezes que elles são producção e testimunho de um seculo todo industrial, todo material — Que aberração! — Desde quando deixou a intelligencia de ser rainha da materia? Augmentar o dominio da materia é augmentar o reino da intelligencia e dar-lhe subditos novos. No fim de contas, os carris-de-ferro transportarão e derramarão mais ideas do que mercadorias.

« E a acção da França não se limitará so á Europa. Vede o Egypto, que, em reconhecimento da guerra que lhe fez o general Bonaparte, nos envia seus filhos, que nós lhe devolvemos imbuidos das ideas e costumes francezes.

« Vede a Argelia, que civilizaremos pela conquista, porque os soldados da Europa são os primeiros missionarios entre os povos barbaros. O que elles não sabem é o alcance do que fazem, julgam ceifar e ao cabo semeiam.

« Mais uma palavra:

« O mundo antigo teve tres cidades cujo nome e memoria não hão de morrer nunca: Jerusalem, berço das religiões; Athenas, templo da intelligencia; Roma, throno da dominação. Estas tres cidades, que representavam o amor, a luz e a fôrça, são como o symbolo temporal e palpavel da trindade divina.

« Pois bem! parece-nos que Paris, na idade moderna, tem tambem alguma coisa de providencial e de mystico; é, talvez, a Cidade-Verbo, encarregada de fazer ouvir a palavra civilizadora a todos os povos da terra. »

Emile Deschamps.

ROMANCE.

UMA BEMFEITORA. (*)

647 Deixámos Didier a fallar no pequeno quarto de Fombreuse. O desgraçado mancebo em pé no vão da janella, com os braços encrusados: uma tranquillidade singular, uma especie de resignação convulsiva, se tinha apoderado d'elle, e em seu rosto immovel não havia symptoma que trahisse o tumultuoso transtorno dos seus pensamentos.

N'este momento fazia elle amargas reflexões sôbre a extravagancia d'estas leis sociaes, que por uma pequena quantia davam direito a um homem para lhe vir cortar a sua carreira, desacreditá-o, e tirar-lhe o socego! « Ah! dizia elle comsigo mesmo, ó vós todos que tiverdes idea de acceitar o obsequio d'uma mão generosa, tomai sentido não tenha o vosso bemfeitor algum filho, filhas, e genros, que herdem, e venham depois da sua morte tomar-vos conta d'esse obsequio! Se porventura tendes nome que procureis ennobrecer com trabalhos uteis, elles arrastarão esse nome ao lado d'uma demanda; fal-o-hão apregoar pe-

(*) Concluido de pag. 33.

lo porteiro; tornal-o-hão propriedade d'um escrivão que até especulará no número das suas lettras! Noticiarão a vossa pobreza por annuncios em toda a cidade, imprimirão nos jornaes onde é a vossa casa, e que trastes tendes, para os venderem em basta pública; e á noite irão ao baile fazer uma loteria a favor dos pobres! »

Comtudo, havia o quer que era que vinha consolar Fombreuse nos seus tristes pensamentos; havia o quer que era que lhe dizia, que se n'este negocio havia um nome infamado, não era o seu, mas o do capitalista millionario, o d'esses homens enfatuados, e cheios de titulos, d'essas mulheres ociosas e cobertas de joias, que lhe vinham arrancar a sua pobre banca, a cadeira, e a cama, a elle, homem laborioso, porque havia sido amigo do pai d'elles, e porque lhes faltava mais uma mão-cheia d'escudos n'uma herança de seis milhões!

No emtanto Didier e seu companheiro tinham acabado de inventariar o gabinete do sabio mancebo, e uma pequena cosinha contigua a este quarto. Depois Didier ia entrar no quarto da cama da mãe de Fombreuse, quando este agarrando-lhe no braço lhe disse com todo o socego:

« Peço-vos que não entreis ahi dentro; minha mãe é doente, e está dormindo. »

Didier ficou á porta, e deitando os olhos para dentro, dictou em voz baixa o seu inventario; mas Fox o encarava com olhar ardente, e talvez prestes a lançar-se sôbre elle, se quizesse entrar no quarto da doente.

A pobre velha ja tinha acordado, e la no seu leito, tapado com velhas cortinas da Persia, ouviu fallar baixo. « Coitado do Frederico! disse ella comsigo; ja está a trabalhar, e a ler a meia-voz o que escreve. » Mas tendo acordado melhor, conheceu que não era a voz de seu filho, e ouviu um homem que dizia: « Uma commoda velha de acaju, com pedra; um rologio de cima de mesa, de cobre com lavores; duas cadeiras velhas, com assentos de damasco....»

A triste senhora deu um grito. Adivinhou logo tudo, e sentiu-se incommodada. Fombreuse correu para ella, e diligenciava fazel-a tornar a si, em quanto que Didier acabava a sua descripção.

Dois dias depois Fombreuse, acompanhado pelo seu cão, seguia, todo choroso, uma tumba que se dirigia para o cemiterio de *Mont-Parnasse*.

....

....

Que bella noite não foi para os pobres a do 1.° de março de 1833! N'uma das melhores casas do bairro da nova Athenas, tinham-se preparado com a maior magnificencia sumptuosas salas para o grande baile philantropico de que acima fallámos, e de que era protectora Madame Octavia de Montfort. Uma longa fieira de carroagens conduzia para este palacio incantado, todas as senhoras mais riccas, e os maiores tafues de Paris. A aristocracia do nascimento de mãos dadas com a aristocracia do dinheiro, passeavam junctas n'esta reunião fraternal, onde os sentimentos de benificencia e philantrodia dilatavam todos os corações! A riqueza e a variedade dos trajos, o brilhar das flores, das luzes, das doiraduras, davam a ésta festa um aspecto de verdadeira magia. Todas as nações, todas as epochas, alli se achavam misturadas. Marquezas do seculo desoito, duquezas do decimo-quinto, abbades, militares, perigrinos, pachas, cavalleiros, donas, castellãos, camponezas suissas, archeiros-francezes, banqueiros, chefes de *clans* (*), toda ésta multidão de mascarados, se moviam, e acotevelavam, por entre torrentes de luz e de harmonia. Éra um espectaculo tal que faria com que se adorasse a philantropia e a charidade, e se dessem louvores ao ceo por ter havido pobres!

Madame Octavia de Montfort pela sua formosura, joias, infeites, e brilhante elegancia do seu trajo de odalisca, teria attrahido as vistas de todos, ainda mesmo que um signal distinctivo de bemfeitora dos pobres não chamasse as attenções. Era a rainha da festa, onde brilhavam tambem seu marido mascarado de trovador, seu irmão o duque de Blergy, com o ricco trajo da côrte de Henrique II, e sua irmãa a baroneza de Maugrand, vestida á chineza de braço-dado com um Mandarim, o general Maugrand. Estes dois trajos que se tinham mandado vir de proposito da China, e d'incrivel magnificencia, custaram vinte mil francos! Mas, porventura serão demasiados os sacrificios quando se tracta d'uma festa em proveito dos pobres?

Derepente ouve-se algum motim a uma das portas da sala, e ve-se entrar um mascarado, que é rodeado por todos pela singularidade do seu trajo. Era um homem vestido de mendigo, com um sacco ás cos'as, e os vestidos todos cobertos de papeis d'autos, pelo peito, costas, braços, e pernas. Montfort e sua esposa foram os primeiros que se chegaram a este personagem mysterioso, e leram o que se segue, escripto n'uma grande folha de papel sellado, que lhe cobria o peito:

AUTO DE PENHORA.

« No anno de mil oitocentos trinta e tres, aos seis « de fevereiro, em virtude de sentença passada pelo « Tribunal do Commercio do departamento do Sena, « em Paris, na data de quinze de janeiro último, « competentemente conferida, assignada, registrada, « e pronunciada, em fórma executoria, e a reque- « rimento

« De M. Amédée Louis Marie de Montfort, capita- « lista, por si e sua mulher Octavia Adelaide de Bler- « gy, que moram junctos em Paris, rua des Trois- « Fréres;

« De M. Louis-Hyppolite, barão de Maugrand, ma- « rechal de campo, e de Euphemie Geneviéve de Bler- « gy, que moram junctos em Paris, praça Vendôme;

« Todos os sobreditos herdeiros de M. Auguste Pier- « re, conde de Blergy, ministro d'Estado, par de « França, etc. Em continuação do processo intentado « por pagamento contra M. Frederico Julien Fombreu- « se, Licenceiado em sciencias, morador em Paris, rua « Guénégaud n.° 13.

« Eu Jean-Michel Didier, porteiro no Tribunal da « primeira instancia, de Paris, departamento do Sen- « na, em nome do rei, da lei, e da justiça:

« Intimei o sobredito M. Frederico Julien Fombreu- « se, em sua propria pessoa, para pagar immediata- « mente a quantia de mil francos de capital, *cobra- « veis* desde o 1.° de janeiro de 1840;

« Em que foi condemnado por sentença. E como

(*) Tribus da Escocia.

« recusasse pagar, em nome do rei, da lei, e da jus-
« tiça, lhe fiz penhora nos trastes da seguinte relação:
« *(Lia-se essa relação).*

Depois via-se o

AUTO DE ARREMATAÇÃO.

« No anno de mil oitocentos trinta e tres, aos 15 « de fevereiro, a requerimento de M. Amédée Louis- « Marie de Montfort, capitalista, por si e por sua « mulher Octavia Adelaide de Blergy, etc.

« Eu Jean-Michel-Didier porteiro do Tribunal da « primeira Instancia em Paris, departamento do Sen- « na, em final execução de sentença, fiz arrematar « em leilão no Deposito-público, pelo pregoeiro Co- « las, todos os trastes pertencentes a M. Frederico « Julien Fombreuse, penhorados por dividas, e cons- « tantes da seguinte relação, levando á margem o pro- « ducto da arrematação. *(Seguia-se a relação, e con- « cluia tudo com as formalidades do estylo).*

No chapeu d'este mascara, que estava coberto de fumo, havia um letreiro em grossos characteres que dizia assim:

CARIDADE DOS HOMENS RICCOS.

[Traduzido de L. Halevy.]

DO ESTADO MATERIAL DA LITTERATURA

648 Ha alguns annos, que um grande movimento litterario, que não tomâmos aqui a missão de defender nem condemnar, se declarou em França com impetuosidade talvez temeraria e desordenada, mas certamente cheia de vida. Vimos em curto espaço de tempo apparecer mais obras, algumas vezes felizes, outras extravagantes, sempre poderosas, do que as que houve em todo o tempo do imperio; depois cessou de repente esse ardor. Rapida e triste decadencia seguiu pouco a pouco as esperanças illimitadas de uma mocidade imprudentemente lisongeada pelas primeiras caricias da gloria litteraria. Desappareceram esses successos a principio tão agitados, tempestuosos, e apaixonados; os escriptores afroixaram. Aquelles que se obstinaram a isso que elles chamavam *a arte pela arte*, vieram a não declamar senão perante ouvidos surdos: — não ha peior surdeza no mundo do que a indifferença. Emfim, em menos de dez annos, a litteratura em França, tinha passado, da devassidão ao entorpecimento, da acclamação ao silencio.

Esta mudança entre nós foi produzida por causas moraes de que não fallaremos n'esta occasião, e por causas materiaes que nos propomos revelar.

Que faltou a essa litteratura imprudente e desordenada, se assim lhe quizerem chamar, mas sem duvida nenhuma, ardente, exaltada, inquieta; que lhe faltou para amadurecer, e para realizar os seus fins? Ella aspirava a grandes coisas e a um futuro, excessivo talvez, mas com consciencia. Tinha fé em si propria. Enganava-se muitas vezes no caminho, concedo; mas indagava. Cahia por vezes na febre e no delirio; mas trasbordava de vida. Succedia-lhe, supponhamos, o ser ridicula, immoderada, irritante; mas certamente não era nunca trivial.

O que faltou, a essa litteratura que tinha de mais a pretenção de ser nacional, foi direcção e animação.

Isto nos induz naturalmente a fallar da posição do homem de lettras, tal qual no-la formou a sociedade presente.

Haverá n'isto, póde ser alguma coisa util de conhecer. É facil pintar essa posição — é a solidão, a incerteza e o abandono.

Antes da revolução de 1789, os poetas e os litteratos de profissão viviam para com os grandes n'um estado de servilismo.

Deus nos livre de lastimar a perda d'essa protecção humilhante, que abrigava os homens de lettras ao silencio, e á mais baixa adulação. É precizo porém confessar, que este genero de vida lhes garantia um tecto contra a chuva, um fogão no inverno e um logar á mesa. Acontecia mesmo algumas vezes que o seu emprego nada tinha de penoso, todo o trabalho d'elles consistia em comparar, uma vez por anno, n'um comprimento em verso, um principe qualquer ao sol, ou a qualquer outro astro que occupasse logar distincto nas constellações. Quando esse principe estava para generosidades agradecia os lindos versos com algum dinheiro.

Aqui está, com algumas excepções, o favor aviltante debaixo de que viveram os escriptores do seculo XVI e XVII. Os qne regeitaram a mesa e os interesses que lhes propunham os grandes fidalgos, não escaparam a dependencia da côrte. Racine e Boileau recebiam cada um d'elles, uma pensão de Luiz XIV. Corneille, espirito altivo e desconfiado, não quiz curvar a cabeça debaixo do jugo dourado da casa-real, mas não se poude defender contra as liberalidades de outra mão, Corneille, pertencia, como se sabe, ao principe de Condé. Comtudo é necessario ter em vista, que as liberalidades do principe não foram muito abundantes, porque o auctor do *Cid* não tinha com que comprasse um caldo na vespora da sua morte.

Mas, dirão, e o producto das suas obras? É inquestionavel, que se o *Cid*, *Athalia*, e *Lutrin* tivessem sido pagos pelo seu respectivo valor, os grandes escriptores do grande seculo, não teriam tido necessidade, para viver, de recorrer ás generosidades pesadas da côrte.

Escrevia-se porém para um mui pequeno número de leitores, o resto não intendia nada de litteratura e por conseguinte não podia soccorrel-a.

O seculo XVII, agitando no povo certas ideas philosophicas, e espalhando as luzes em todas as classes, melhorou a sorte dos escriptores, ou para melhor dizer extendeu o circulo da sua influencia.

É sómente d'esta epoca para cá que data a independencia material do homem de lettras, ainda não completa por certo, como vamos vêr. J. J. Rousseau, que depois de ter desenvolvido a coragem d'um livre pensador em seus escriptos, não quiz reduzir-se nos ultimos tempos da sua vida ao papel de parasita, morreu pobremente na miseria. Sabe-se qual foi o fim de Gilberto. Voltaire e Beaumarchais deveram a sua fortuna muito menos ás suas obras, do que a certas operações commerciaes: e é precizo tambem notar que Voltaire foi sustentado par vezes pelo rei da Prussia; e mais compoz grande n'numero de tragedias, e o theatro, em todo o tempo, offereceu mais recursos do que o livro, aos auctores que n'elle se exercitaram.

A revolução de 89 lançando a luz no coração das massas, e dilatando em França os limites da instrucção publica, forneceu á profissão do homem de lettras

novos elementos de independencia. Houve em primeiro logar duas côrtes, a do rei e a do povo: os authores se retiraram d'um e d'outro segundo a sua altivez. Emfim a realeza tendo definitivamente passado ao povo, este último se tornou o unico apoio e o unico patrono da litteratura franceza.

Devemos dizer francamente as vantagens e inconvenientes que resultam para o homem de lettras, da protecção d'este novo Mecenas.

Os litteratos, conquistaram com este commercio d'intimidade com o público um bem, segundo o nosso juizo, inappreciavel e supremo — independencia.

Libertos agora dos tormentos da côrte ou do peso protector d'uma casa de principe, obtiveram o direito de pensar e escrever livremente, sem que os podessem cedo ou tarde, tachar d'ingratidão. O progresso era glorioso; o passo era immenso. É impossivel quando se tem uma penna na mão, e quando se sente bater alguma cousa debaixo do seio esquerdo, de não ficar suspenso deante d'este magnifico resultado da diffusão das luzes.

Mas, como todas as liberdades nascentes, a dos escriptores é agora laboriosa.

A natureza humana revolta-se com qualquer escravidão do pensamento: os obstaculos mostram-se particularmente ao lado d'esta emancipação nova do talento. A intelligencia libertou-se dos favores que a ligavam a um individuo poderoso; mas o litterato não se livrou da necessidade, não achou até aqui no público, pelo menos em geral, os meios de satisfazer juntamente á sua vocação d'escriptor e á sua dignidade d'homem.

Esta eventualidade fluctuante, que torna, em nossos dias, a vida do homem de lettras tão incerta e precaria, facilmente se explica. O publico, o unico patrono para sempre da litteratura, pelo valor que dá ás obras dos escriptores, teria necessidade de ser mais illustrado do que é, para fazer n'esta encyclopedia de livros e jornaes, uma escolha judiciosa. Entrega-se mais ao que lhe agrada e o diverte, do que áquillo que se reccommenda por qualidades sérias ou delicadas.

O interesse, eis o que procura a multidão em suas leituras, e não ousaremos dizer certamente que é n'isso culpada. D'este gosto do maior número de leitores, e da necessidade em que se achavam os escriptores de o satisfazer, nasceu o que se chama n'este tempo *litteratura industriosa.*

Á parte, formou-se um campo de homens conscienciosos e difficeis, que não quizeram acceitar as condições propostas pelo gôsto vulgar ou frivolo do público.

Julgaram honroso não servir n'esta imprensa a vapor. E ésta recusa é, digamo-lo assim, mais honrosa do que productiva. Segue-se d'ahi, que a immensa maioria dos escriptores, mesmo os melhores, foi certamente arrastada pelo attractivo do ganho pelo declive da litteratura commercial.

Comeffeito se se considerar, que de uma parte, o emprego das lettras impõe privações e combates, em quanto que por outra offerece vantagens enormes, comprehender-se-ha que sem possuir uma consciencia litteraria fortemente temperada, os authores não podiam deixar d'abandonar a publicidade restricta e severa, pela publicidade abundante, facil e droductiva. Isto devia ser, e é assim. Este movimento nos parece mesmo tão geral, tão forçado, por assim dizer, pela mesma natureza das coisas que julgâmos hoje impossivel toda e qualquer reacção.

A litteratura, sentindo-se pousada sôbre base fragil, que a cada passo se inclinava, quiz fortificar-se apoiando-se sôbre a industria. As consequencias de um tal sustentaculo são hoje reconhecidas. Um periodico tornou-se uma fazenda, um campo, uma coisa... que produz tanto. O negocio é bom ou mau mas é negocio. Isto é pelo que respeita aos inconvenientes. As vantagens, todas materiaes é verdade, não deixam porém de ser consideraveis. Um romance publicado em fulhetons produz trez, quatro, cinco, dez vezes mais do que produziria nas mãos d'um editor. O circulo dos leitores tem-se depois augmentado consideravelmente. Se esse augmento prescreve á imaginação certos sacrificios, se os ornamentos e as delicadezas litterarias, devem cahir e cahem realmente, deante do gôsto inflexivel do público, mais curioso de aventuras do que de estylo e characteres, por outro lado, o grande estrondo d'uma folha tirada a quarenta mil exemplares, lisongea o amor proprio de certos escriptores que procuram menos em seus leitores a qualidade do que a quantidade.

Feito o calculo, o mal causado aos homens de lettras pelas invasões da imprensa quotidiana, não é tão grande, se s'encararem so os interesses do dinheiro e da reputação; mas tornar-se-ha mais grave, se se considerar o prejuizo moral que d'ahi resulta para a litteratura. Não queremos dizer com isto que a folha d'um periodico não tem produzido alguma boa obra d'imaginação ha dez annos; mas em primeiro logar essas obras estimaveis teriam achado o seu logar nas Revistas, e depois não é a excepção que se deve julgar, é a regra.

Ora é exacto dizer-se que em geral uma tal fabrica de romances e de novellas sobrepuja as forças litterarias de um seculo. Por mais activa e fecunda que se supponha uma geração de escriptores, ella não saberia satisfazer sem s'exgotar, similhante consummo. Não diremos que falte jamais aos periodicos a imitação, ésta materia é sempre aquella que menos falta; — mas de dia em dia a fibra do estylo afrouxa mais, o talento dos principaes escriptores desbota, os defeitos besageram-se com o habito de os repetir, e de nos servir-mos d'elles, em caso de necessidade como de figuras de papelão, para disfarçar o desfecho d'uma imaginação reduzida ás ultimas.

Haverá porém sempre um pequeno número d'espiritos serios desinteressados que ficarão unidos á litteratura.

Amando o bello pelo bello, ou o verdadeiro pelo verdadeiro, mais captivados dos encantos austeros do trabalho do que do ganho ou da curiosidade vulgar que se liga ás obras vulgares, elles continuarão a guardar a sua independencia. Empenhados ou não na imprensa quotidiana, elles não tomarão senão os cargos compativeis com a natureza do seu talento. Não serão, appressemo-nos a dizel-o, nem os mais remunerados nem os mais considerados, é verdade, se se collocar a glória litteraria em condições de extenção em logar de a situar em uma medida d'elevação. Com o tempo, a educação do povo se formará; porém o circulo das lettras alargando-se cada vez mais, haverá para as obras puras d'intelligencia um viveiro sempre multiplicado de leitores e francas sympathias. Até ahi nós julgâmos a litteratura condemnada a soffrer as condições que

lhe prescreveram, d'uma parte a industria, essa potencia que succedeu á potencia real, e da outra, a avidez mais ou menos reprehensivel dos escriptores.

A sorte dos homens de lettras que ficarão fieis, n'estes tempos difficeis, á litteratura, á arte ou á sciencia é por isso mesmo mais digna d'inveja do que de compaixão.

Cobri-vos, grandes d'Hispanha, e embrulhai-vos com orgulho em vossos rotos capotes: sois riccos, porque os mais pobres d'entre os homens, são ainda os pobres d'espirito!

Quando se considera na prodigiosa quantidade de redacção que necessitam todos esses jornaes collossaes e quotidianos, mais ou menos litterarios, em cada manhan, não se póde deixar de sentir receios sôbre a sorte material dos homens de lettras. Qualquer d'elles que tem algumas paginas escriptas em cima da sua banca, está certo de tirar d'ellas um valor importante. Mas, ésta fabrica a vapor das obras da intelligencia, não terá porventura, em maior escala, todos os inconvenientes moraes da sua rapidez? Ésta necessidade de receber cegamente com ambas as mãos um masso de romances e novellas, com a simples assignatura dos auctores, não tende decerto, a animar a mediocridade ou o talento venal!

O homem de genio não o é porque tem os cotovelos çafados, ou por que ganha muito dinheiro. A maior parte dos poetas antigos apenas gozaram d'essa mediocridade tam exaltada por Horacio. O Tasso não tinha até mesmo os meios d'escrever os seus versos á luz da candea.

Como não acreditar que algum projecto providente esconde debaixo d'esta lucta obstinada do talento e da precisão? Hoje mesmo, lancemos em torno de nós as vistas, essa trindade severa que apresenta os altos destinos da nossa litteratura, Chateaubriand, Lamennais, Beranger, se nos apresenta mais ricca de glória do que de dinheiro. O que perdeu a igreja foi a acquisição dos bens temporaes; nós podêmos muito bem receiar os mesmos resultados para a litteratura: os escriptores dos nossos dias são comeffeito o que eram os padres na idade media, os ministros do pensamento humano.

A musa não e uma d'essas mulheres de pouca virtude que se dão por dinheiro; ella estima pelo contrário, os operarios austeros que tocam com mãos puras no trabalho do espirito.

Este estado da litteratura, nos tempos modernos, é uma consequencia do movimento que arrasta a sociedade inteira; Este movimento industrial algum dia terá talvez um effeito proveitoso. Todas essas emprezas mercantiz alargarão o circulo de influencia que a litteratura deve exercer sôbre os costumes. Os escriptores que souberem defender-se contra as tentações d'uma prosperidade nociva, adquirirão pelo menos, mais facilmente do que em outro tempo uma certa commodidade material, que assegurará a sua independencia moral.

Em França, é preciso tambem comptar todos os dias com as reacções.

O romance fulheton é um podêr que se mina cada dia pelos seus proprios excessos. O público acabará por se desgostar d'essas situações grosseiramente dramaticas, no fundo sempre as mesmas, que se encadeiam tanto bem como mal em uma narração encontrada. Um futuro melhor se esconde para as lettras debaixo de todas essas tempestades industriosas, que lançam um veu sôbre o sol do pensamento, mas que não saberiam apaga-lo. O tempo é o mestre-eschola das massas; será necessario que por os tempos adiante, o público educado pelo jornalismo sem o saber, se enfastie da litteratura com que agora o embalam. Esperemos pois que o estylo, o estudo severo das ideas e das coisas, a arte, n'uma palavra, sahirá, cedo ou tarde, radiante d'entre esses lençoes de papel em que a industria parece querer hoje abysmal-a.

Alphonse Esquiros.

POESIA.

A VESPORA DE SAN'JOÃO.

649 Como alegre tange o sino
Na vesp'ra de San'João.
Como alegre tange o sino,
Seus toques que lindos são!

Como alegre tange o sino,
Tudo é prazer e folgar.
Como alegre tange o sino
P'r'o Baptista festejar!

La se accende alta fogueira,
Crepitante estala a bomba:
Estrepitoso foguete
No ar altivo ribomba.

Arde o barril, a cabeça,
Tambem se queima o pinheiro,
Sua sorte saber busca
Gentil bando prazenteiro.

Todos folgam n'esta noite,
Da sorte esquecem rigor;
So eu triste me conservo...
Pelo quê?... Não tenho amor!..

La queima a roixa alcachofra
Bella gentil e louçan:
Ja la vai saltar fogueiras
Turba alegre e folgazan.

Seu destino busca a joven,
N'um copo um ovo vasando,
Qu'a profissão do seu noivo
Fica em mil fórmas mostrando.

Ou alva cera derrete,
Qu'em vaso d'agua vertida
Lhe mostra a sorte do amante,
Té então desconhecida.

Tambem queima herva pinheira
P'ra vêr se lhe tem amor;
Se florir elle é constante,
Mas se não florir, traidor:

E ésta herva protentosa
Leda a traz em doce ingano,
Sua esp'rança prolongando,
Ao menos durante um anno.

Aqueo bochexo la toma,
E, mal meia noite dá,
Vai botal-o, ouvindo o nome
Que do seu 'sposo será.

Ou então n'alta fogueira
Bota moeda de cobre
Que dá d'esmola, e seu noivo
Terá o nome do pobre.

Venda os olhos torneando
Uma mesa, onde c'locado
Agua, arêa, livro e chave
Tem, que lhe dizem seu fado:

Dá uma volta, e n'aquelle
Em que primeiro tocar,
Se for arêa não casa,
S'agua, o noivo hade embarcar.

Porém se na chave acerta
Sua sorte é prazenteira,
Casará: do livro fuja,
Se lhe tocar será freira.

Tambem as barbas ao milho
La corta o mancebo crente
Á meia-noite, e avaro
Guarda-as cuidadosamente.

E ir cortar essas barbas,
Que tem podêr tão supremo,
É entre o povo chamado
Cortar as barbas ao demo.

Dentro em cannudo de canna
Cauteloso as tem mettido;
Depois uma enfia, e cose
Da namorada o vestido.

E que com tal talisman
Quanto queira hade obter
Não duvida, pois fé viva
Tem no seu forte podêr.

Cachopas la vão banhar-se
No rio onde vão nadar
Mancebos, e co'o primeiro
Que ouvem rir hão de casar.

Tambem o tenro infantinho,
Que coitadinho é quebrado,
Mal se faz passar o vime,
É de fé, fica sarado.

Mil virtudes tu encerras
Noite sancta d'alegria;
De novo os peitos abrazas
Onde a paixão ja esfria.

Salve ó noite de feitiços,
De duendes e de fadas!
Tu chegaste, e vem comtigo
Tuas frescas orvalhadas!

Salve ó noite milagrosa,
Ó noite feliz do povo!
Ó noite d'antigas crenças
Eu te saudo de novo!

Folga ao ver-te o mussulmano,
Com elle folga o christão:
Á porfia és festejada
Ó vesp'ra de San'João

Mesmo até meu peito triste,
E retalhado de dor,
Desconhecer-te não póde
Teu podêr encantador.

Salve ó noite d'harmonias,
Encanto da natureza!
Folgue o mundo venturoso,
Gozando a tua belleza.

J. V. B. da Costa.

ESPECTACULOS.

THEATRO-NACIONAL — THEATRO DO SALITRE — GYMNASIO.

650 *A Madresilva*, é um drama novo do Sr. Mendes Leal, representado pela primeira vez a 13 do corrente no Theatro-nacional. O seu illustre auctor sahiu n'esta peça do genero mais trilhado em outras composições suas da mesma natureza. É uma peça familiar, com todas as tendencias para a regularidade classica, sem a farragem dos grandes *effeitos scenicos*. Pareceram-me o 1.° e 4.° actos os melhores, e todos os finaes bem calculados e dramaticos. São dignas de louvor tambem algumas scenas comicas, bastante engraçadas, e muitas bellezas do dialogo; mas este pareceu-me sobejo ás vezes, prolixo em geral. Tambem se poderão notar algumas situações repetidas, ou antes *compostas*; porque, ou acontecem com diversos personagens ou o mesmo personagem se acha n'ellas mais de uma vez; como especificadamente no 5.° acto. O titulo da peça em relação ao *drama*, figura-se-me um pouco forçado, abstracto e caprichoso; mas o que, a meu modo de ver, é a imperfeição capital d'ella é a introducção de um personagem que nada tem com a acção, um *desconhecido* que logo se conhece ser D. Pedro II, e que eu acho que, com grande vantagem do drama, lhe deveria ser eliminado, pela muitas considerações, não so artisticas mas tambem moraes, que assim o aconselham. Deresto o estylo dramatico, o conhecimento da scena, *o genio*, são visiveis n'esta como em todas as composições de egual natureza do Sr. Mendes Leal.

No theatro do Salitre da-se agora uma comedia n'um acto, de Scribe, *O segundo anno ou de quem é a culpa?* digna de ser vista por toda a gente de bom gôsto. A singelleza, moralidade e chistoso da concepção, o mimoso, verdadeiro e engraçada da execução, são dotes relevantes d'esta linda comedia. O desempenho scenico por parte da Sr.ª Soler e Srs. Assiz e Marques, é muito digno de louvor.

No Gymnasio, representou-se um drama original do Sr. Braz Martins, intitulado — *Fernando*, *ou o juramento*, que revela *genio*, e por vezes habilidade em seu joven auctor. O 3.° acto, é sem contradicção muito dramatico e bem tractado. O sr. Braz Martins

dá fundadas esperanças de ser effectivamente um escriptor dramatico de merito. O desempenho dos actores merece elogios. O sr. Romão houve-se ás vezes habilmente no difficil papel de Fernando. A peça estava bem ensaiada, e riccamente trajada. O Gymnasio vai-se tornando comeffeito digno de toda a animação.

FESTA DE SAN'JOÃO.

651 O nascimento de San'João-Baptista é um dos tres unicos que a Igreja-Catholica celebra. Os outros dois são o Natal e o da Natividade.

San'João-Baptista é o mais popular de todos os Sanctos. E em virtude de antigos usos o seu dia é festejado em todos os povos da Europa. As fogueiras; as danças que se fazem em roda d'ellas, o costume das raparigas se banharem ao romper da aurora; colhêr fructos rociados de orvalho; entoar cantigas amorosas e em honra do Sancto; rogar ao ceu um esposo etc. etc. são coisas antiquissimas e de toda a parte.

Té os moiros na moirama
Festejam a San'João.

Entre nós, na Hispanha e na Italia, é onde ha maior número de poesias populares em honra de San'João e dos festejos que em seu dia se fazem. Na Escocia, na Livonia e n'outros paizes, acredita-se mui devotamente nas virtudes peculiares de certas hervas apanhadas á mão na noite d'este Sancto. Ca entre nós ha tambem alguma coisa d'esta crença piedosa, que degenera ás vezes em grosseira superstição. A herva-pinheira, as alcaxofras etc., teem comeffeito n'esta noite folgasona um singular apreço pelas ideas amorosas que se ligam a certos usos que fazem d'ella as meninas solteiras.

A festa de San'João era celebrada em Malta, n'outro tempo, com grandes festejos públicos. Na ilha-Terceira, tambem se usava fazer cavalhadas, bandos e outros divertimentos. As muito populares mascaradas da Outrabanda, proximo a Lisboa, e outras de varias partes do reino, não eram tambem pouco divertidas.

Os tempos mudam; e hoje todas essas festas, perdido o interesse das crenças, ou teem sido esquecidas ou reduzidas ás danças de sala, passeios, e divertimentos quejandos, para pretexto do galanteio...

CORREIO EXTRANGEIRO.

652 No dia 1 do corrente pelas 9 horas da manhan falleceu em Roma Sua Santidade Gregorio XVI da idade de 81 annos.

Construe-se actualmente aope de Paris uma nova cidade com o nome de Athenas. Estão ja começadas as ruas do Pyreu, passagem das Termopylas, praça Leonidas, largo Aspasia, e d'Alcibiades etc Algumas quintas elegantes ja teem moradores, assim como muitas casas que estão acabadas.

O principe Luiz Napoleão acaba de fugir do castello de Ham, disfarçado em trabalhador, com algumas taboas ás costas. Chegado ao logar onde o esperava uma carroagem tomou outros vestidos, e com passaporte de um coronel inglez atravessou a França até á Belgica, onde embarcou para Londres. N'esta cidade tem o principe escripto a algumas pessoas todas as circumstancias da sua evasão, e declara que não teve por fim senão alçançar a sua liberdade, e não projectos nenhuns de perturbar a tranquillidade da França. O principe tem 38 annos e é sobrinho de Napoleão.

Os rendimentos do thesoiro francez, segundo o último orçamento apresentado ás camaras, é de 1,357,241,100 francos.

A receita do thesoiro inglez, segundo o mappa apresentado ultimamente ao parlamento é de 52,090,000 libras sterlinas.

CORREIO NACIONAL.

653 No dia 13 do corrente ás 3 horas da tarde, sahiram do Tejo n'um vapor-de-guerra inglez, o duque reinante de Saxe-Coburgo-Gotha, e sua esposa, acompanhados das pessoas da sua comitiva. Suas altezas embarcarom com todas as honras do estylo.

No dia 14 entrou paquete d'Inglaterra com folhas de Londres até 7 e de Paris até 6. O bill dos cereaes tivera segunda leitura na camara dos lords. Apezar da grande opposição dos conservadores considera-se ésta questão como vencida; tanto assim que a liga dos cereaes (anti-corn-law) tinha-se dissolvido por conselho de Cobden seu chefe. Lecomte, o que commettêra o attentado contra a vida do rei dos francezes, foi sentenciado á morte pela camara dos pares no dia 5. A Revista é o unico jornal portuguez que dá ésta noticia por haver recebido as folhas do dia 6. Os fundos portuguezes ficavam em Londres de 53 a 55.

O govêrno concedeu a M. Laribeau, como era justo, a concessão do seu circo podêr trabalhar de noite. Hoje será a primeira representação depois da volta do habil director da sua excursão á cidade do Porto. Fallaremos d'ella.

O Theatro-nacional annuncia para amanhan certos jogos de uns saltimbancos inglezes! Corâmos de vergonha por ver tal degradação da primeira scena dramatica do paiz!... Ainda se esses jogos se fizessem extraordinariamente; mas em intervallos de uma peça de declamação! Onde está o brio dos artistas, o decoro do theatro, a acção immediata do govêrno?!..

O valor total da exportação da cidade do Maranhão para os portos de Portugal, e seus dominios, em 1845, foi de 482:258$000, feito por quinze embarcações portuguezas e trez extrangeiras.

Tem sido admiravel o consummo dos sorvetes em Lisboa n'estes últimos dias. A nova loja do Largo de Camões, particularmente, tem tido o seu grande salão cheio de Senhoras e homens, especialmente aos domingos e dias Sanctos á tarde. No emtanto parece que o contractador da neve em Lisboa, pedíra uma *moratoria* aos estomagos, limitando a extracção d'ella por escacez do deposito. A importação do gêlo parece pois ser uma necessidade, e n'este caso o abatimento dos seus direitos uma justiça.